

As múltiplas funções das festas no espaço geográfico
The multiple functions of the parties at the geographic space
Les multiples fonctions des fêtes dans l'espace géographique
Las múltiples funciones de las fiestas en el espacio geográfico

Alini Nunes de Oliveira*
Maria Del Carmen Matilde Huertas Calvente**

Recebido em 16/9/2011 revisado e aprovado em 14/11/2011; aceito em 16/12/2011

Resumo: As festas, tema central do presente artigo, podem relacionar-se ao lazer, às manifestações da cultura, aos momentos de socialização, às contribuições financeiras para quem as realiza, ao sentimento de pertencimento ao lugar e também como atrativo turístico. Todas essas funções devem ser discutidas na interface com o lugar em que as festas ocorrem. Serão abordadas festas em suas variadas temáticas: festas religiosas, festas gastronômicas, festas cívicas e festas ligadas a tradições.

Palavras-chave: Festas. Espaço geográfico. Funções.

Abstract: The parties, central theme of this article, can be relate to leisure, cultural manifestations, to the moments of socialization, to the financial contributions for those who realize then, to the feeling of belonging to a place and also as a tourist attraction. All these functions will be discussed at the interface with the place where the parties take place. They will be addressed in its various themes: religious parties, gastronomic parties, civic parties and parties linked to traditions.

Key words: Parties. Geographic space. Functions.

Résumé: Les fêtes peuvent être liées au loisir, aux manifestations de la culture, aux moments de socialisation, aux contributions financières pour ceux que les réalisent, au sentiment d'appartenance à l'endroit et aussi au potentiel touristique. Toutes ces fonctions doivent être discutées en interaction avec l'endroit où les fêtes se produisent. Le présent article les fêtes seront abordées dans leurs plusieurs thématiques: les fêtes religieuses, les fêtes gastronomiques, les fêtes civiques et celles liés aux traditions.

Mots-clés: Fêtes. Espace géographique. Fonctions.

Resumen: Las fiestas, el tema central de este artículo, pueden estar relacionadas al ocio, a las manifestaciones de la cultura, a los momentos de socialización, a las contribuciones financieras para aquellos que las realizan, al sentimiento de pertenencia al lugar y también como atractivo turístico. Todas estas funciones deben ser discutidas en la interfaz con el lugar donde las fiestas tienen lugar. Las fiestas serán abordadas en sus diversas temáticas: fiestas religiosas, fiestas gastronómicas, fiestas cívicas y fiestas relacionadas a las tradiciones.

Palabras clave: Fiestas. Espacio geográfico. Funciones.

Introdução

As festas podem ser estudadas pela Geografia buscando revelar as diferentes escalas espaciais com as quais se relacionam os eventos festivos, geralmente compreendidos a partir de sua territorialização (FERREIRA, 2003). Pode-se estudá-las, também, como um fenômeno universal ou local, como expressão de uma dada sociedade, levando-se em consideração as particularidades. Estas são, entretanto, apenas algumas perspectivas de estudos, já que há uma multiplicidade de sentidos em cada evento, podendo ser estudados pela Sociologia, Antropologia, História, dentre tantas outras ciências, cada qual com suas diferentes contribuições.

Partindo-se da premissa de que a espacialidade é um momento das relações sociais

“geografizadas”, o momento da incidência da sociedade sobre um determinado arranjo espacial, não sendo o resultado do movimento da sociedade apenas, pois depende do espaço para se realizar (SANTOS, 1988), tem-se uma maneira de compreender a dinâmica festiva através do estudo do lugar, carregado de significados definidos pelos indivíduos e grupos nele localizados.

Para compreender a festa como um processo socioespacial, é importante salientar que é necessário:

[...] alargar a visão setorizada da festa. Urge romper com certo reducionismo ingenuamente crítico, que pinta com as cores dramáticas da alienação justamente aqueles momentos em que o povo faz seu maior investimento afetivo. (RIBEIRO JR., 1982, p. 13).

* Artigo baseado na dissertação concluída em 2010, no Mestrado em Geografia - Dinâmica Espaço Ambiental, da Universidade Estadual de Londrina. Bolsista do CNPq. Docente da UNOPAR, Londrina. E-mail: alini_nunes@hotmail.com.

** Docente da Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Geociências. E-mail: calvente@uel.br.

As festas como expressão do lugar

O lugar é responsável por parte das manifestações presentes nos eventos. O lugar possibilita a articulação das forças locais/ internas presentes com aquelas globais/ externas, destacando não somente os principais envolvidos dessa articulação, mas também os próprios mecanismos que a estabelecem. Assim, permite uma abordagem da festa capaz de esclarecer os mecanismos de interação em suas diferentes escalas (FERREIRA, 2003). O lugar da festa, longe de se apresentar como um simples local do evento, irá influenciar sua trajetória e, também, ser influenciado pelas trajetórias dos diferentes elementos que o compõem. Estes se inter-relacionam, se reconfiguram e se estabilizam continuamente. Mesmo em eventos “globalizados”, como é o caso, por exemplo, da Copa do Mundo, há características que ficam materializadas durante o evento e que são reflexos do local onde o evento está sendo realizado.

Conforme comenta Del Priore (2000), o momento festivo tem sido celebrado ao longo da história dos homens como um tempo de utopias, ou seja, tempo de fantasias e liberdades, de ações vivazes, mas também de frustrações, revanches e reivindicações de vários grupos. Está presente em toda a história da humanidade, pela amplitude que o termo atinge e diversidade de tipos de manifestações festivas. Utilizando-se uma definição de festa, segundo Brandão (2007, p. 28), tem-se:

Acontecimentos sociais de envolvimento parcialmente coletivo, que geralmente observam frequência cíclica ou sazonal; que produzem uma ruptura com a rotina seqüente da “vida social”; que criam comportamentos sobretudo rituais, logo expressivos, e relações interativas de forma e efeito diverso dos de períodos longos de rotina.

A fragmentação da vida cotidiana proporcionou a diferenciação entre tempo de trabalho, tempo de descanso, tempo de lazer etc. Sendo assim, “[...] a festa, no sentido mais ‘puro’ do termo, representa algo da vida humana em que o trabalho, o lazer, o lúdico, o riso, o sagrado, o doméstico constituíam um todo” (MAIA, 2004, p. 162).

As festas podem ser manifestações da cultura de um determinado povo, fazendo parte de seu patrimônio cultural. A cultura, segundo Corrêa (1999), é um conjunto de

técnicas, saberes, atitudes, ideias e valores, apresentando componentes materiais, sociais, intelectuais e simbólicos, que são transmitidos e/ou inventados, formando sistemas de relações entre os indivíduos, mas expressos diferentemente por cada um. Os valores e crenças são expressões que permitem compreender como certos grupos sociais organizam-se no ambiente em que vivem. Assim, os produtos culturais devem sua origem à ação social, ou seja, permanecem ou se modificam em função do dinamismo dos grupos que lhes deram origem. Compreende-se, então, a cultura enquanto produto simbólico e enquanto processo social (RIBEIRO JR., 1982). Assim, a partir do entendimento da festa como manifestação da cultura de um povo, deve-se considerá-la tão dinâmica quanto a própria cultura, modificando-se com o tempo e de acordo com as relações estabelecidas, ou seja, ela “[...] existe em processo, em movimento, convive com a realidade dinâmica do cotidiano e transforma a si própria sempre que necessário” (CALVENTE, 2004, p. 10).

Alguns elementos da cultura podem ser considerados como patrimônio de determinada sociedade, tornando-se importantes para as pessoas que dela fazem parte, pois é na relação com o patrimônio que se resgata a história e a memória de um povo.

Fazem parte do patrimônio cultural tanto as manifestações culturais materiais (monumentos, obras de arte, cidades, objetos pessoais de celebridades etc.) quanto as manifestações culturais imateriais (saberes, músicas, festas, danças, crenças etc.). O patrimônio é construído socialmente e tem a participação tanto do saber erudito, como do saber de grupos populares. E cada localidade possui sua singularidade como marca da diferenciação. E, assim, as festas podem propiciar o enriquecimento cultural por meio do contato entre diferentes realidades: sensações, experiências, ambientes e paisagens, ou seja, uma vivência diferente da habitual. Porém podem existir casos em que não haja diálogo entre as culturas, ocorrendo conflitos e transformação daquela cultura que já existia pela imposição de uma cultura “de fora”.

Os jogos, as danças, as músicas e outros elementos culturais que fazem parte da programação não só significam descanso, prazer e alegria, mas também possuem uma função so-

cial, pois “[...] permitem às crianças, aos jovens, aos espectadores e atores da festa introjetar valores e normas da vida coletiva, partilhar sentimentos coletivos [...]” (DEL PRIORE, 2000, p. 10). Além disso, a alegria da festa faz com que a população suporte o trabalho árduo, o perigo e, muitas vezes, os problemas que sofre em seu cotidiano; também reafirma laços de solidariedade e evidencia suas especificidades e diferenças. Ribeiro Jr. (1982, p. 23) enfatiza que não há separação entre o que é da esfera material e o que é da esfera simbólica ou espiritual. Assim, “[...] misturam-se relações de parentesco, formas de criar animais e plantas, maneiras de convivência social, provérbios, cantos, danças, etc.”, pois, acima de tudo, e de maneira geral, a cultura do povo é grupal, supraindividual. Dessa forma,

[...] quanto mais festas um dado grupo ou sociedade realizam, maiores seriam as forças na direção do rompimento social as quais elas resistem. As festas seriam uma força no sentido contrário ao da dissolução social. (AMARAL, 1998, p. 26).

As festas são fenômenos primordiais e indissociáveis da civilização, porque nelas os homens alcançam os mais altos níveis de sociabilidade. As festas desempenham também um importante papel na relação entre o homem e o lugar em que vive, pois essas manifestações refletem no modo como os grupos sociais pensam, percebem e concebem seu ambiente (BEZERRA, 2008). É um tipo de ocasião dotado de funções e formas comuns em qualquer sociedade: como rituais de inversão de modos, momentos de suspensão de conflitos e regras, fusão de diferenças entre os grupos participantes, só podendo ser compreendidas se observadas *in loco*. Ferreira (2003) contribui para o entendimento da funcionalidade da festa, mostrando seu papel político, sua expressão ideológica (sobretudo sagrada, cultural e cosmológica), seu valor de troca socioeconômica e seu papel de regulação social e territorial.

De acordo com Bezerra (2008), um dos significados da festa está no seu poder de mobilizar as identidades, já que seu significado, suas manifestações, seu desenvolvimento, os discursos e os mitos mantêm relacionando de perto ou de longe a unidade e a identidade. Segundo Castells (2000, p. 22), identidade é o processo de construção de significados

pautados em “conjuntos de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significados”. Haesbaert (1999, p. 180) amplia essa definição colocando que a identidade “[...] recorre a uma dimensão histórica do imaginário social, de modo que o espaço que serve de referência condense a memória do grupo [...]”.

Dessa forma, o momento da festa pode gerar a concretização dos sentidos de uma determinada identidade dada pelo compartilhamento do símbolo que é comemorado e se inscreve na memória coletiva como a junção das expectativas de cada pessoa envolvida direta ou indiretamente no momento festivo. Sobre a concretização da unidade dos grupos envolvidos em torno da identidade local, Guarinello (2001, p. 972) expõe que:

A festa é uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definido e especial, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes.

As festas não são somente produtos de uma transmissão contínua ligadas a uma filiação “milénar”. Os eventos festivos mostram longos períodos de obliteração e recomeços, de nascimentos, empobrecimentos, rupturas e esquecimentos (FERREIRA, 2003). Dessa forma, é importante salientar a dinamicidade da cultura, onde ocorre uma constante luta entre a tradição e a inovação, que é, segundo Debord (1997), o princípio de desenvolvimento interno da cultura das sociedades históricas, não devendo abolir a ideia de tradição, mas também levar em consideração a inovação, que é intrínseca à cultura pelo seu dinamismo.

Em muitos casos, há o processo de recriação da festa, dos rituais, das tradições, que inicialmente possuíam um caráter quase espontâneo dos valores e dos costumes populares dos diversos grupos sociais e vêm sendo apropriados pelos administradores públicos e empresariais, muitas vezes ligados ao turismo, transformando-se em megaeventos, cujo caráter de empreendimento econômico e comercial tornou-se muito acentuado, como é o caso do carnaval no Rio de Janeiro.

Bezerra (2007), quando estuda as festas de São João na cidade de Mossoró, RN, expõe que a festa de São João, que antes era comemorada em diferentes dias do mês de junho em diferentes bairros de Mossoró, a partir do momento em que começou a fazer parte da programação oficial da prefeitura municipal, passou a se concentrar na área central da cidade em todo o mês de junho, causando tensões e descontentamento por parte da população dos bairros, pois, com isso, houve o esvaziamento das festas que ocorriam em outros lugares da cidade, produzindo conflitos de territorialidades locais. Além disso, a festa perdeu de certa forma sua tradição, pois apesar de muitos bairros terem continuado a comemoração, outros não conseguiram sustentar a festa por falta de público. Apesar do processo de mercantilização de muitas festas, o que também se tem visto é a inovação e recriação, reflexo de uma sociedade em constante transformação:

Tudo indica que o capitalismo cooptou as festas populares e foi cooptado por elas, mas também que o povo vem reinventando suas festas nas novas condições de vida resultantes de novos contextos econômicos e sociais. (AMARAL, 1998, p. 34).

O Brasil é um país muito rico em manifestações culturais. Não seria diferente em relação às festas. De maneira geral, há uma diversidade de tipos de manifestações festivas: festas ligadas ao sagrado/religião (na maior parte das vezes ao catolicismo); festas gastronômicas, muitas vezes em comemoração ao plantio e colheita de determinado produto agrícola; festas cívicas (e até mesmo relacionadas à luta de poder); festas ligadas a manifestações culturais ou momentos históricos; festividades às vezes apenas lúdicas etc. Segundo Canclini (1983, p. 112),

Para as populações indígenas e camponesas, as festas são acontecimentos coletivos enraizados na sua vida produtiva, celebrações fixadas de acordo com o ritmo do ciclo agrícola ou o calendário religioso, onde a unidade doméstica de vida e de trabalho se reproduz através da participação coletiva da família.

As festas podem relacionar-se ao lazer, às manifestações da cultura, aos momentos de socialização, às contribuições financeiras para quem as realiza, ao sentimento de pertencimento ao lugar e também como atrativo turístico. Todas essas funções devem ser

discutidas na interface com o lugar em que as festas ocorrem. Serão abordadas, neste artigo, festas em suas variadas temáticas: festas religiosas, festas gastronômicas, festas cívicas e festas ligadas a tradições.

Festas e religiosidade

Em relação às festas religiosas, há necessidade de um resgate histórico do período colonial para o entendimento de sua importância no país. Durante esse período, difundiu-se no Brasil um catolicismo popular no qual era estreita a relação entre a piedade religiosa e as “exterioridades”, especialmente durante as “Festas dos Santos”. De acordo com Maia, as rezas, romarias, folias e tríduos interagem com elementos ditos profanos, como bebedeira, jogos e danças promovidos pelos festeiros (têm-se festeiros como as pessoas envolvidas na organização das festas). Todavia, segundo o mesmo autor, a partir do século XIX, o alto clero iniciou uma tentativa de amoldar o catolicismo popular, atingindo as tais “exterioridades”, fazendo parte do processo de Romanização. Antes, durante as festas, os padres nomeavam como festeiro ou imperador a pessoa que conseguisse cobrir parte das despesas da festa e também para que pudesse arrecadar dinheiro para a igreja. Para o festeiro também ficava a função de patrocinar espetáculos de queima de fogos, banquetes, leilões, dramatizações, ou seja, atividades que poderiam chamar mais atenção da população. Com o processo de Romanização, procurou-se, então, extinguir estas ditas “superstições”, “interferências mundanas”, instaurando-se uma fiscalização rígida na utilização do dinheiro arrecadado, ou seja,

[...] que não poderiam ser empregados em divertimentos profanos, como bailes, teatros, banquetes, cavalhadas, bandos, músicas em coretos, e abolia as eleições de festeiros e festeiras, juizes e juizas, mordomos e mordomas, zeladores e zeladoras, reis e rainhas. (MAIA, 2004, p. 99).

Este foi um regulamento colocado pela igreja para que as esmoladas (hoje conhecidas como díizimo ou ofertas) não fossem utilizadas na festa, mas que estas fossem custeadas pelos próprios festeiros. E que não envolvessem a religião nestes costumes mundanos, evidenciando-se o poder da igreja sobre o

povo. Como salienta Seabra (2002, p. 2),

[...] a igreja pretendeu expurgar do catolicismo rústico seus sincretismos. Mas já se havia formado, portanto, um denso repertório e práticas sociais que inseria a festa como momento da vida e da qual não podiam se separar os indivíduos.

A esmola tem uma função importante na festividade até os dias de hoje, apesar de não ser utilizada essa denominação (hoje é tratada como doação). Os participantes e frequentadores da igreja fazem doações de várias formas, como dinheiro, comida ou brindes para que sejam rifados.

Segundo Maia (2004), com o passar do tempo muitas “superstições, abusos e exterioridades” existentes nas festas de santos foram extintos. Mas também não se pode negar que os espaços sagrados passaram a ser mais respeitados e melhor apropriados durante os festejos.

[...] há que se observar que a dinâmica sacro-profana da festa e determinados modos de louvamento (realização de cavalhadas, congos, folias, etc.) persistem até hoje. Por isso, sobre os regulamentos, sínodos, pastorais, etc., prevaleceu ‘a voz do povo, voz de Deus’ dando sentido às festas em sua tradição (MAIA, 2004, p. 103).

No Brasil, o catolicismo popular contou com a contribuição do folclore popular da Europa, além de contribuições indígenas e africanas. As festas, até mesmo as cívicas, tinham um caráter religioso, e os rituais eram passados de geração para geração. Segundo Seabra (2002, p. 2),

O mais comum é que as festas do catolicismo rústico, fundamento da cultura rústica, tenham sobrevivido independentemente do seu lugar de nascimento, que tenham transitado pela sociedade num movimento intencional que se esforçou em reiterá-las, fazendo-as sobreviver como folclore. Graças a esses resíduos sempre reconstruídos e mantidos, muitas vezes a duras penas, no âmbito das populações tradicionais [...].

Em pesquisa sobre as festividades da comunidade de Piqui da Rampa, MA, Braga (2007) salienta que rezas, cantos, danças, louvores e toques são expressões presentes no cotidiano das pessoas e repassadas de geração em geração, porém ocorrem modificações, visto que as dinâmicas sociais podem advir de perdas ou acréscimos. A comunidade

do Piqui tem sua religiosidade expressa por missas, festejos e rezas, ou seja, pela devoção. São práticas sociais que unem dimensões de ordens diversas, como promessas, trabalho e lazer. O lazer existente durante as festas é percebido tanto na participação dos responsáveis pela organização, quanto na dos visitantes. Tais práticas refletem satisfação em ver o resultado do desafio assumido perante o “santo”. Assim a festa, além da liberação momentânea, também apresenta um caráter ideológico, pois comemorar é também conservar algo que está na memória coletiva, principalmente quando relacionado à religiosidade.

No Paraná, nos séculos XVIII e XIX, a população participava de festividades religiosas que estavam sempre envolvidas com as missas dominicais e dias de santos de Guarda, confissão e comunhão anuais, festas dos compromissos de irmandades e confrarias. Mas, assim como esses eventos, festejos profanos também aconteciam: congadas, cavalhadas, torneios esportivos, danças campestres, leilões, banquetes, fandangos e carnavais, entre outros (WESTPHALEN; BALHANA, 1983). No Brasil, há uma gama diversa de festas ligadas ao sagrado, principalmente envolvidas com a religião católica e em comemoração aos Santos, que grande parte das vezes são padroeiros ou copadroeiros de cidades brasileiras.

Moura (2003), em seu estudo sobre as festas devocionais do calendário católico, aponta algumas características de festividades conhecidas no país: Festas Natalinas, Festa de São Gonçalo, Festa de São Sebastião e Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, entre muitas outras. Todas estas festas são comemoradas em vários lugares do Brasil, com suas particularidades e simbologias. Segundo o autor,

Os bailados são danças dramáticas, de conteúdo misto (profano e religioso) que alegam as festas do calendário religioso católico. Surgiram na época colonial como instrumento de catequese e absorveram de forma sincrética as culturas indígena, africana e européia. A tendência de muitos bailados é a de desvincularem-se das festas religiosas e transformarem-se em folguedos de cunho profano. (MOURA, 2003, p. 40).

Exemplo disso, o Rio de Janeiro, no século XIX, era palco de inúmeras práticas religiosas como as festas organizadas pelas irmandades em homenagem aos santos padroeiros, as quais atraíam um público muito

grande e variado, mas que também preocupava as autoridades civis e religiosas, pois

[...] essas festas costumavam confundir as práticas sagradas com as profanas, nas comemorações externas e nas que eram realizadas dentro das igrejas. (ABREU, 2002, p. 247).

No caso da Festa da Penha, no Rio de Janeiro, o local assumia as características de arraial, todo embandeirado, com missa solene, cerimônia de bênçãos, barraquinhas de prendas, jogos, comidas, música, dança e cumprimento de promessas subindo de joelhos a escadaria que levava ao santuário. Dessa forma, segundo Soihet (2002), não era possível se estabelecer uma distinção entre costumes profanos e costumes sagrados, pois eles caminham juntos nas festas, ou seja, "É como se dentro de cada festa religiosa existisse uma profana e vice-versa" (DEL PRIORE, 2000, p. 19). No período colonial, a música sacra das festas religiosas misturava-se normalmente aos ritmos populares portugueses e espanhóis, mostrando que a divisão dos territórios entre sacro e profano e entre popular e erudito não estava estabelecida.

Outra festa bastante conhecida no Brasil é a Festa do Divino, geralmente celebrada no Domingo de Pentecostes, 42 dias após o Domingo de Páscoa. Essa festividade é bastante característica da região Sudeste e Centro-Oeste, como Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Goiás. Como explica Moura (2003, p. 43),

A festa era uma forma de exaltar o poder do rei como agente de Deus na Terra [...]. Os imperadores europeus, pela graça do Divino Espírito Santo, são representados como justos, caridosos, inteligentes e ricos. Daí as cavalcadas de mouros e cristãos; o cortejo do império, a alegria e a farta distribuição de comidas e bebidas; diversas formas de bailados; queima de fogos.

As festas juninas (em homenagem a Santo Antônio, São João e São Pedro) têm grande visibilidade em vários estados brasileiros, mas muitas delas perderam sua real intencionalidade, que primeiramente é a comemoração aos Santos. Essas festas são comemoradas nas escolas públicas e privadas, em grande parte das vezes para cumprimento do calendário escolar e como momento lúdico para alunos e familiares. Segundo Moura (2003), as festas juninas com fogueiras,

queima de fogos, espetáculos pirotécnicos, comidas típicas, casamentos e danças, assemelham-se à festa pagã do passado clássico de reverência à deusa Juno. Essas festas têm influências da colonização portuguesa, que coincide no Brasil com o período da colheita do milho, cereal básico na alimentação dos brasileiros, mostrando assim, época de fartura. Um exemplo de valorização dessas manifestações culturais de uma localidade é o que aconteceu no município de Maringá, PR: uma festa junina que é realizada há mais de 30 anos e organizada por Annibal Agenor Borghi, o *seo* Zico, com apoio da Secretaria Municipal de Cultura, foi tombada como patrimônio histórico imaterial da cidade, para que fosse reconhecida a importância dessa tradição popular no município (LEMES, 2009).

Festas e gastronomia

As festas ligadas a produtos agrícolas possuem uma origem europeia que embalou as festas na época colonial no Brasil. A periodicidade da produção induziu o homem, em determinadas épocas de semeadura e colheita, a reunir a comunidade para celebrar, agradecer ou pedir proteção. A repetição dos ciclos agrícolas, identificados com a reunião de grupos sociais, acabou por dar à festa uma função comemorativa. As festas nasceram das formas de culto externo, vinculado geralmente a uma divindade protetora das plantações, realizado em determinados tempos e locais (DEL PRIORE, 2000). Nas festas do período colonial, parte da comida consumida em determinadas festas tinha relação direta com as colheitas. Em grande parte das vezes, o cardápio tem a ver com a produção agrícola que se colhe por ocasião da festa.

O alimento assume, tendo em vista os rituais agrários na Europa, desde os primórdios da Civilização Cristã, um papel ímpar como atributo cultural vivenciado cotidianamente pelas populações em suas respectivas comunidade e sociedades. (PRUDENTE, 2007, p. 3).

Canclini (1983) relaciona alguns traços das festas rurais importantes para o entendimento das festas: ruptura do tempo normal; caráter coletivo do fenômeno da festa, participação de pessoas de diferentes níveis socioeconômicos, como expressão de uma

comunidade local; caráter compreensivo e global, uma vez que a festa abrange os elementos mais heterogêneos e diversos sem distinção nem especialização (jogos, danças, ritos, música etc., ocorrem no interior de uma mesma celebração global); necessidade de ser realizada em grandes espaços abertos e ao ar livre (a praça, o pátio da igreja etc.); caráter fortemente institucionalizado, ritualizado e sagrado (a festa tradicional é indissociável da religião); impregnação da festa pela lógica do valor de uso (como consequência: festa-participação, e não festa-espetáculo).

Teixeira (1988) realizou um estudo a respeito das festas em torno de variados produtos agrícolas as quais são realizadas em muitos pontos do país. Segundo o levantamento da época, existiam 311 eventos, em 15 estados, abrangendo todas as regiões, mas com predominância no Sudeste e Sul. Segundo o autor, essas festividades remetem ao mesmo tempo ao passado/tradição e ao futuro/modernidade e dizem respeito diretamente aos municípios que realizam as festas: sua promoção e disposição para assumirem as próprias origens. Além de festas ligadas a algum produto agrícola, como a Festa da Batata (Contenda, PR), Festa do Feijão (Sobradinho, DF), Festa da Mandioca (Paranavaí, PR), Festa da Cenoura (Brejo da Madre de Deus, PE), Festa do Arroz (Boa Vista, RO), Festa do Ovo (Bastos, SP) existem também festas que se dão em torno de produtos não agrícolas, como a Festa do Chapéu de Palha (Nova Era, MG), Festa da Rede (Pedro II, PI), Festa da Cachaça e da Rapadura (São Antônio, RS), Festa do Basalto (Nova Prata, RS), dentre outras, que, segundo o levantamento do autor, totalizavam 47 festividades em torno de produtos não agrícolas, mas com as mesmas motivações básicas para a realização de cada uma. Assim, cada município escolhe, para festejar, o que mais lhe convém. Por isso, um mesmo produto pode ser homenageado em muitos lugares.

O autor faz uma observação importante: cidades médias e principalmente pequenas são os lugares em que mais ocorre esse tipo de festa. De todas as festas pesquisadas, o autor selecionou cinco delas para fazer uma investigação mais a fundo, todas situadas no Rio Grande do Sul: Festa da Uva, em Caixas do Sul; Festa da Soja, em Santa Rosa; Festa da

Bergamota, em São Sebastião do Caí; Festa da Melancia, em Arroio dos Ratos; e a Festa do Feijão, em Sobradinho. Em todas as festas estão presentes parques de diversões (que geralmente são os mesmos em todas as festas), exposição e venda de produtos industriais (com destaque para a Festa da Uva e da Soja que possuem tratores, caminhões, motores, produtos eletrônicos, vestuários etc.), artesanais (decoração, vestuário e alimentação, com destaque para os queijos, vinhos, salames, pães, que são produzidos no local), agrícolas (legumes, verduras e frutas) e pecuários (gado leiteiro e suíno), shows musicais (com ênfase para os grupos tradicionais locais de dança e canto, com forte apelo ao passado), restaurantes e barracas de especialidades variadas. Em todos os casos, a prefeitura municipal de cada cidade se constitui no agente principal de sua realização. Cada uma dessas festas é articulada por algum tipo de comissão executiva com ou sem personalidade jurídica, apoiada por outras subcomissões e, em sua quase totalidade, constituída por pessoas sem trabalho remunerado. O que ocorre também em alguns casos é o interesse político que se encontra “nas entrelinhas” do evento, pois “[...] participar da organização das festas constitui distinção, [...] pode ser estratégia eficaz para projetar e/ou solidificar lideranças” (TEIXEIRA, 1988, p. 42).

Um personagem bastante representativo nas festas estudadas pelo autor é a Rainha e Princesa da Festa. A escolha das moças para serem rainhas e princesas é principalmente relacionada à beleza. Elas têm papéis relevantes a serem representados, principalmente nas festas da Uva e da Soja, como promotoras especiais das festas. Apesar de grande parte dos envolvidos na organização das festas serem empresários e outros pertencentes à classe social dominante, a figura do colono é valorizada, mesmo que de modo indireto. Essa valorização pode ser vista na inclusão na programação da festa de eventos ligados às tradições culturais trazidas pelos imigrantes europeus, que colonizaram o estado. Uma consequência disso foi um renovado interesse pelos produtos agrícolas, tanto de lavouras empresariais como das pequenas lavouras ou as de subsistência já que, a partir da década de 1970, houve uma inversão na produção rural, dando prioridade à pecuária e à agricultura

de exportação (soja, cana), desfavorecendo a produção de alimentos básicos. Quem ficou responsável pela produção desses alimentos foram os colonos, para quem, pelo espaço tomado pelas pastagens e monoculturas, restaram áreas serranas e de mata, tornando difícil sua sobrevivência. Houve a valorização de bens alimentícios efetivamente produzidos por colonos: “Queijos, pães, doces e frutas coloniais são percebidos como puros, autênticos, não contaminados [...]” (TEIXEIRA, 1988, p. 56). No caso da Festa da Uva e da Soja, a principal motivação da realização da festa, segundo o autor, além de instrumento de promoção das cidades-sede, é a exposição de produtos da indústria do vestuário, mobiliário, máquinas e implementos agrícolas. Já no caso das Festas da Bergamota, da Melancia e do Feijão, estas visam também à promoção das cidades, mas também à valorização dos próprios produtos homenageados e de seus produtores.

Na cidade de Caxias do Sul, onde é realizada a Festa da Uva, a vitivinicultura já não é mais a atividade econômica principal (a indústria metal-mecânica está em primeiro lugar). Mas, mesmo assim, o nome da festa é mantido por uma questão de tradição, que teve sua primeira edição em 1931. A festa é realizada no Parque Centenário desde 1975, inaugurado para as comemorações do centenário da colonização italiana. Além do parque e do centro da cidade, vários outros pontos da cidade são contemplados com atividades ligadas à festa. Isso foi necessário, pois, com o passar dos anos, a festa perdeu muito de sua característica principal, que é a vinculação ao produto agrícola, passando a ser cada vez mais feira de produtos industriais, fazendo com que os organizadores elaborassem programações paralelas para o resgate da tradição agrícola, como apresentações de corais e a realização de cerimônias religiosas e outros eventos que relembressem a tradição italiana, como o esmagamento de uvas com os pés, refeições italianas etc. Na festa, é comercializada somente a uva *in natura* e sob a forma de vinho.

Outro produto valorizado em meio às festividades é o pinhão. Em estudo de Prudente (2007), o autor mostra que há uma dimensão econômica traduzida pelo valor que se agrega ao pinhão com a festa na cidade de Cunha, SP. Com a iniciativa da festa, a partir

de 2001, a saca do pinhão foi altamente valorizada, motivando, além da festa, a criação de uma associação de coletores de pinhão. O ponto forte da festa é a grande comercialização de produtos à base de pinhão e, na edição de 2007, foram comercializados mais de 20 produtos alimentícios desse gênero. A população local é envolvida no processo, tanto na organização quanto no próprio fornecimento do pinhão para as barracas gastronômicas. Além de a festa girar em torno dos alimentos, há também eventos musicais para maior sociabilidade dos participantes. O fato de o pinhão incorporar-se à cultura local mostra a exaltação vinda de um elemento da natureza, graças às condições de temperatura oferecidas pelo clima tropical de altitude, caso do município.

Sá e Barroco (2004), em um estudo sobre a cidade de Camacan, BA, e a cultura cacaueteira, mostram que o cacau é a base da economia local e que está fortemente ligada à formação cultural. Para isso, é realizada na cidade uma festa em homenagem ao alimento e também às pessoas envolvidas na lida com o cacau. A festividade já é tradição há mais de 20 anos, sendo o principal momento de diversão e confraternização.

Festas cívicas e poder

Outro tipo de festividade do qual há registro são as festas cívicas e festas ligadas a fatos históricos, ambas muitas vezes envolvidas com disputa de poder político. Além de ser um momento lúdico para seus participantes,

A festa é também um ‘lugar simbólico’ através do qual eram veiculados os valores e as crenças do grupo, transformando-se, portanto, no principal lugar onde afloravam os conflitos de significado na disputa pelo monopólio da informação e, até mesmo, do controle social. (FERREIRA, 2005, p. 15).

Segundo Ledezma (2009), é durante a Revolução Francesa que surge o culto cívico em torno de homens vivos e não somente mais aos deuses e santos da Igreja. Essas comemorações, segundo o autor, são

[...] como momento no qual se entretece passado, presente e futuro [...]. Seria também o ato máximo criador do espetáculo que nos comunica com o coletivo e nos faz sentir cidadãos, pertencentes a uma nação” (LEDEZMA, 2009, p. 41).

Nessa época, as festas deixaram de ser realizadas em teatros, onde somente a aristocracia participava, para ir às ruas, buscando a participação do povo.

Na visão de Kraay (2004), os rituais cívicos são “ritos do poder”, nos quais as autoridades representam sua legitimidade, utilizando-os como espaços políticos. Em seu estudo sobre as festas cívicas no Rio de Janeiro do Primeiro Reinado (1823-1831), o autor salienta que se comemorava a independência do país de uma forma ou outra, discutindo-se nelas a organização política do novo Estado. Herdou-se, da época colonial, a tradição de comemoração festiva dos fatos políticos importantes com iluminações, arquitetura efêmera, desfiles militares, fogos de artifício e salvas de artilharia. Há uma semelhança em relação a esse tipo de manifestação festiva cívica no Brasil também a partir das décadas de 1930 e 1940. Segundo estudo de Vaz, há participação intensiva de trabalhadores, sindicatos, escolas, jovens e crianças nessas manifestações, lotando os estádios de futebol, as praças, as escolas e as ruas. Essas festas contavam “[...] com uma programação rica em discursos, apresentações artísticas e esportivas, declamações, desfiles laudatórios e outros” (VAZ, 2006, p. 1). Quem não se recorda do período escolar em que nas comemorações da Semana da Pátria, tanto nos espaços físicos da escola quanto no material didático, havia a exaltação da representação do dia da Independência do país, além dos ensaios dos desfiles que antecederiam o feriado nacional?

Remetendo-se aos dias atuais em relação às festas cívicas, Felipe (2008) trata da cidade de Mossoró, RN, onde há uma grande movimentação cívica e cujos organizadores são constituídos por um grupo familiar (família “Rosado”) que domina publicamente a cidade há 58 anos. A maneira que a família Rosado conseguiu para influenciar a população local é através da palavra, seja nos jornais e rádio locais, nos livros da Coleção Mossoroense e, até mesmo, nas solenidades cívicas e panfletos eleitorais. Utilizam um discurso que inclui a mostra de dedicação total à cidade, resgatando o passado através da própria história de surgimento da cidade e relacionando-se com o ideário da Revolução Francesa (liberdade, igualdade e fraternidade). Os “Rosado” intitulam-se guardiões da

memória local e animadores culturais por meio das festas cívicas, solenidades e rituais cultuando os heróis do passado. Para se ter uma ideia da influência local,

A cidade real é uma geografia de uso político, uma geografia cuja apropriação se dá também pela nomenclatura que cartografa esse espaço social, marcando o nome dos Rosado na nomeação de ruas, praças, bairros, logradouros, conjuntos habitacionais, escolas, auditórios, hospitais e clínicas médicas, além de instituições e monumentos. (FELIPE, 2008, p. 45).

As festas cívicas dessa cidade resumem-se nos desfiles militares e estudantis para comemorarem o 30 de setembro de 1883 (data em que a cidade liberta seus escravos), o Motim das Mulheres em 1875 (revolta das mulheres da cidade contra o alistamento dos maridos na Guerra do Paraguai), a resistência da cidade ao ataque do bando de Lampião em 1927 e o primeiro voto feminino, também em 1927. Para que as comemorações se tornassem mais atrativas, foi elaborado um espetáculo teatral, o Auto da Liberdade, fazendo com que surgisse uma festa tão grandiosa que, no ano de 2002, entrou para o *Guinness Book* como o maior espetáculo teatral de rua do mundo. A intenção dessa exaltação ao passado retomado todos os anos na ocasião da festa serve para

[...] reanimar mesmo que periodicamente este sentimento da sociedade, que por meio das lembranças dos feitos gloriosos dos antepassados, sente-se solidária e orgulhosa de pertencer a essa comunidade de iguais. (FELIPE, 2008, p. 51).

Contudo, mais do que isso, a festa tem a intenção de lembrar à população o papel político que a família Rosado exerce na cidade.

Festas e tradição

Além das festas religiosas, as festas ligadas a produtos agrícolas (gastronômicas) e festas cívicas, há registros de festas relacionadas a manifestações culturais, costumes e tradições. Maia realizou um estudo sobre a vaquejada em João Pessoa, PB, festa que teve origem nas fazendas de gado sertanejas do sertão nordestino, “[...] onde a pecuária é a atividade econômica dominante, surgiu entre os séculos XVII e XVIII a festa da apartação, origem da festa da vaquejada” (MAIA, 2004, p. 163). A festa da apartação constituía-se em

uma reunião de vaqueiros que, ao final do dia, em frente à casa da fazenda, festejavam as perseguições e as derrubadas dos bois. Quando o processo de urbanização se acentuou e as cidades começaram a centralizar a vida econômica e social, a festa da vaquejada também passou a ser nas cidades, em parques construídos exclusivamente para esses espetáculos e a serem programadas segundo um calendário oficial de eventos. A festa perde um pouco da caracterização original, pois passa de uma festa de vaqueiros para uma festa com um público eclético, de jovens urbanos titulados em universidades, médicos, advogados, agrônomos, entre outras pessoas, que participam das atividades por diversão, chamados de “*agroboys*” ou “vaqueiros inventados” que nada têm a ver com a vivência dos primórdios da festa, relacionados à lida no campo. Trata-se, como Hobsbawn (1984, p. 14) salienta,

[...] da utilização de elementos antigos na elaboração de novas tradições inventadas para fins bastante originais. Sempre se pode encontrar, no passado de qualquer sociedade, um amplo repertório destes elementos; e sempre há uma linguagem elaborada, composta de práticas e comunicações simbólicas.

A passagem da realização da festa para a cidade fez com que esta se tornasse um megaevento, conhecido em toda a região Nordeste e, segundo Maia (2004, p. 181), “[...] a vaquejada se expressa através da dialética da festa e do espetáculo e do vivido com o concebido”. Os “vaqueiros inventados” procuram resgatar um passado rural e defendem a sua tradição, que na verdade é uma tradição inventada. A valorização dos modos de vida, da cultura do homem do sertão nordestino era a razão de existir da festa, apesar de hoje ter perdido muito de suas características no momento em que se tornou espetáculo. Mesmo assim, “[...] toda tradição inventada, na medida do possível, utiliza a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal” (HOBBSAWN, 1984, p. 21).

A Festa de Peão de Barretos, SP, também pode ser considerada nesse caso de festas relacionadas a manifestações culturais. Amaral (1998) relata que essa festa teve início em 1956 e hoje é a maior festa de rodeio do planeta. De iniciativa de um grupo de jovens da cidade na época, o propósito da festa é homenagear as raízes populares, artísticas e culturais do

local, pois, na época do surgimento da festa, Barretos era conhecida como a “capital da pecuária brasileira” por motivos econômicos e históricos. A localização estratégica da cidade e as pastagens de primeira qualidade fizeram com que fosse parada obrigatória das boiadas que vinham do Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais. Por ser local de passagem de boiadeiros, foi se instalando um estilo de vida próprio desses trabalhadores, que, entre um trabalho e outro de transporte do gado para o frigorífico, organizavam rodeios para se divertirem. Hoje o evento conta, além do rodeio, com grandes *shows* com artistas renomados, feira de exposições, gastronomia, concurso de berrante, de comida tropeira e de viola, exposições de produtos etc. Segundo a autora, mesmo a população mais urbana passou a entrar em contato com a cultura do boiadeiro, como a música, a dança, a alimentação e o modo de vestir.

No ano de 2008, foram comemorados em várias cidades do Brasil os 100 anos de imigração japonesa no país. Cidades que possuem em sua população descendentes de japoneses, mesmo que em número não expressivo, organizaram eventos para relembrar e celebrar a saga dos migrantes que vieram ao país em busca de uma vida melhor. Em Londrina, dois grandes eventos fizeram parte das celebrações: o IMIM 100, festa realizada no Parque de Exposições Ney Braga e que contou com várias apresentações artísticas, desde dança, música e teatro, até atrativos gastronômicos. Além disso, foi construída uma praça em homenagem a esta data, a Praça Tomi Nakagawa. Outras cidades como Assaí, Terra Boa, Rolândia, Curitiba (todas no Paraná), são algumas das que também buscaram homenagear o povo japonês.

Outra demonstração da influência dos povos migrantes na realização de festas é o caso estudado por Lebrão, Hanada e Bomtempo (2007). Na cidade de Bastos, SP, a população de descendência japonesa contribui muito para a economia e cultura local. A cidade é forte produtora na área de avicultura, citricultura, sericicultura, cafeicultura e cotonicultura, entre outros. Além de eventos específicos da cultura japonesa (festas como Shinenkai, Bonenkai, Ireisai, Undokai, Keirokai), é realizada também na cidade a Festa do Ovo (por ser forte a avicultura). A festa é conhecida nacionalmente por sua peculiar exposição de

ovos, seda, produtos industriais dirigidos à avicultura, além de atividades culturais como a Cerimônia do Chá, apresentação de cantos e bailados japoneses, exposição de orquídeas e *ikebanas* (arranjos florais), shows artísticos, barracas de comidas típicas da cultura japonesa, o concurso “o maior comedor de ovos”, eventos técnicos de avicultura e também torneios esportivos.

Considerações finais

A organização da festa, o modo como ela se espacializa, as danças apresentadas, as roupas, as comidas características, os sons, as músicas, as formas de participação direta ou indireta de quem festeja e de quem observa, enfim todos os elementos que definem a festa não se limitam a uma “figuração” no evento. Cada um desses elementos possui suas próprias conexões com diferentes redes em diferentes escalas e estabelece com os outros elementos as conexões próprias do evento que se busca compreender (FERREIRA, 2003).

A partir do entendimento das múltiplas funções (lazer, manifestações da cultura, socialização, contribuições financeiras, atrativo turístico) que as festas possuem em suas variadas formas (religiosa, gastronômica, lúdica, cívica etc.), é necessário que se entendam as festas contextualizadas no espaço geográfico e no lugar.

Referências

- ABREU, M. “Nos requebros do Divino”: lundus e festas populares no Rio de Janeiro do século XIX. In: CUNHA, M. C. P. (Org.). *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas, SP: Editora da Unicamp/CECULT, 2002. p. 247-280.
- AMARAL, R. C. M. P. *Festa à brasileira: significados do festejar, no país que “não é sério”*. 1998. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- BEZERRA, A. C. A. Festa e cidade: entrelaçamentos e proximidades. *Espaço e Cultura*, UERJ, RJ, n. 23, p. 7-18, jan./jun. 2008.
- _____. Festa e identidade: a busca da diferença para o mercado de cidades. In: ARAUJO, F. G. B, de; HAESBAERT, R. (Orgs.). *Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos*. Rio de Janeiro: Access, 2007.
- BRANDÃO, C. R. *O vôo da arara-azul: escritos sobre a vida, a cultura e a educação ambiental*. Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2007.
- BRAGA, A. S. R. (Coord.). *O. Tambores do Piqui, cartas de liberdade: memória e trajetória da comunidade Piqui da Rampa*. São Luiz: Gênese, 2007.
- CALVENTE, M. C. M. H. *Turismo e excursionismo rural: potencialidades, regulação e impactos*. Londrina: Humanidades, 2004.
- CANCLINI, N. G. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CASTELLS, M. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CORRÊA, R. L. Geografia cultural: passado e futuro – uma introdução. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Manifestações da cultura do espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 49-58.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEL PRIORE, M. *Festas e utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- FELIPE, J. L. A. Festa e poder político. *Espaço e cultura*, UERJ, RJ, n. 23, p. 43-52, jan./jun. 2008.
- FERREIRA, L. F. O lugar festivo – a festa como essência espaço-temporal do lugar. *Espaço e cultura*, UERJ, RJ, n. 15, p. 7-21, jan./jun. 2003.
- FERREIRA, M. N. *As festas populares na expansão do turismo – a experiência italiana*. São Paulo: Arte & Ciência, 2005.
- GUARINELLO, N. L. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, I.; KANTOR, I. (Orgs.). *Festa, cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 2001.
- HAESBAERT, R. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 169-190.
- HOBSBAWN, E. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- KRAAY, H. O Ritual Político e a Política dos Rituais: Festas Cívicas no Rio de Janeiro, 1823-1831. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 11., 2004, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UERJ, 2004. p. 1-10.
- LEBRÃO, A. C. V.; HANADA, T.; BOMTEMPO, D. A cultura japonesa e a festa do ovo como atrativo turístico para o município de Bastos/SP. *Revista Colloquium Humanarum*, Presidente Prudente, v. 4, n. 2, p. 18-26, dez. 2007.
- LEDEZMA, G. G. Religiosidade cívica na Bahia: comemorando o primeiro centenário da independência a 2 de julho de 1923. Entre a memória nacional e a memória regional. *Esboços*, v. 16, n. 21, p. 41-68, 2009.
- LEMES, F. No arraiaí do Seo Zico. *Folha de Londrina*, Londrina, 26 jun. 2009, Caderno Folha 2, p. 1.
- MAIA, C. E. S. *Vox populi vox dei: a romanização e as reformas das “festas de santo” (implicações nas práticas espaciais das festas do Divino Espírito Santo e do Divino Pai Eterno de Goiás)*. *Espaço e cultura*, UERJ, RJ, n. 17-18, p. 89-106, jan./dez. 2004.
- MOURA, A. de P. Turismo e festas folclóricas no Brasil. In: FUNARI, P. P.; PINKSKY, J. (Orgs.). *Turismo e patrimônio cultural*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 37-49.

PRUDENTE, H. A. A Festa do Pinhão na Estância Climática de Cunha como atributo cultural e atrativo turístico. *Revista Eletrônica de Turismo Cultural*, p. 1-20, 2º sem. 2007. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/turismocultural/henrique.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2009.

RIBEIRO JR., J. C. N. *A festa do povo: pedagogia de resistência*. Petrópolis: Vozes, 1982.

SÁ, C. N. de.; BARROCO, H. E. A quebra do cacau em Camacan: entre a labuta no campo e a diversão na cidade. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 2., 2004, Feira de Santana. *Anais...* Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2004. p. 1-8. Disponível em: <http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_II/charles_nascimento_de_sa.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2009.

SANTOS, M. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.

SEABRA, O. C. de L. O irreduzível da festa. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 12., 2002, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa, 2002. p. 1-4.

SOIHET, R. Festa da Penha: resistência e interpenetração cultural (1890-1920). In: CUNHA, M. C. P. (Org.). *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas, SP: Editora da Unicamp/CECULT, 2002. p. 341-370.

TEIXEIRA, S. A. *Os recados das festas: representações e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional de Folclore, 1988.

VAZ, A. C. Festividades cívicas em Minas Gerais (1937-1945): escola, culturas e práticas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 4., 2006, Goiânia. *Anais...* Goiânia: UCG, 2006. p. 1-9.

WESTPHALEN, C. M.; BALHANA, A. P. *Lazeres e festas de outrora*. Curitiba: Beija-Flor, 1983.